



Pois, e eu sou o Coelhoinho da Páscoa!

A alegria é o remédio de Deus. Todos deviam banhar-se nela.

Henry Ward Beecher

O Natal estava aos poucos a aproximar-se cada vez mais. Pelo menos assim nos parecia a nós, as crianças, que ansiosamente esperávamos ouvir o último e bem-aventurado toque da campainha da escola que iria marcar o início solene das férias da quadra natalícia. O nosso pai não se encontrava na cidade, a nossa mãe estava na mercearia, e a minha irmã e o meu irmão mais velho estavam fora, em visita a amigos. Com a impressionante idade de treze anos, eu estava por minha conta.

Ser responsável por cuidar dos meus irmãos mais novos não era uma coisa lá muito habitual naquela idade. A minha mãe pertencia a um clube de amas onde as mães ficavam por turnos a tomar conta dos filhos umas das outras, mas, de repente, surgiu a necessidade urgente de ir a correr à loja, sem tempo sequer de arranjar uma outra ama.

Assumindo o meu posto de adulta responsável com a maior seriedade, fiquei diligentemente a olhar pelos meus irmãos que tinham quatro e seis anos. Com os rapazes

completamente absorvidos num espetáculo de televisão, a minha tarefa estava a ser fácil. Também não estava à espera de outra coisa.

Mas, quando passos pesados e ruidosos se fizeram ouvir no alpendre e um punho enorme bateu à porta, a adrenalina disparou por todo o meu corpo. As instruções da minha mãe tinham sido rigorosas: não abras a porta a ninguém! E eu tencionava segui-las à letra. Reunindo alguma coragem, perguntei quem era, totalmente convencida que iria receber resposta de um vizinho sobejamente conhecido ou de um amigo.

— O Pai Natal! —, gritou uma voz profunda e estrondosa para minha surpresa.

Certo. Com a certeza de que quem estava no alpendre não era quem dizia, corri para a casa de banho e espreitei pela pequena janela lá no alto, que dava mesmo para o alpendre. Quem quer que fosse que tinha batido à porta estava fora do alcance da visão. Infelizmente, a nossa janela da frente dava diretamente para o quintal e para a rua, mas não para a entrada de acesso à casa.

Não vendo qualquer carro, ou trenó com renas, corri de novo para a porta.

— Desculpe, mas tem de voltar cá mais tarde.

As minhas palavras eram determinadas.

— É o Pai Natal, deixa-o entrar! — pediam os rapazes, enquanto eu lhes sussurrava que aquele não era o verdadeiro S. Nicolau.

— *Ho, Ho, Ho!* — gritava bem alto o nosso indivíduo misterioso. — Vim visitar os Sullivans. Podes pedir à tua mãe para vir até à porta?

Bolas! Que fazer? Se eu lhe dissesse que a nossa mãe não estava em casa, tornar-nos-íamos alvos fáceis. Este tipo podia ser algum assassino doido que atuava na época natalícia, como aqueles que apareciam naquele programa assustador do Alfred Hitchcock.

— Quem é, na verdade? — perguntei, mostrando mais coragem que a que sentia.

— É o Pai Natal.

A voz fez-se ouvir de novo com estrondo.

— Pois, e eu sou o Coelho da Páscoa! — atirei eu em tom de desafio. — Não pode entrar. Vá-se embora!

Esperei, quase sem me atrever a respirar, que ele se fosse embora enquanto os rapazes corriam de volta para a janela, na esperança de conseguirem espreitar. Resmungando algo que não consegui entender, o pseudo Pai Natal lá se arrastou, penosamente, degraus abaixo.

Enervada com o encontro, empurrei os meus irmãos de volta para a sala para verem televisão e esperarmos assim pelo regresso da nossa mãe. E, antes mesmo que a minha pobre mãe entrasse porta adentro, a saga do nosso Pai Natal perseguidor veio logo à baila.

– Não o deixei entrar, Mãe! Eu estava radiante de orgulho.

– Oh, não! A minha mãe bateu com uma mão na testa. – Esqueci-me!

– Esqueceste o quê? Eu estava confusa.

– O Sr. Simons!

Depois de me ter assegurado que eu tinha agido corretamente, foi direta ao telefone. Dentro de alguns momentos, a minha mãe estava a pedir mil desculpas ao marido de uma das senhoras que pertencia ao clube das amas, que tinha gentilmente acedido a fazer de Pai Natal para as crianças do clube. Com toda aquela loucura dos preparativos para as festas, tendo que tratar de uma casa cheia de crianças e com a ida inesperada à loja, tinha-se esquecido que o velho das barbas brancas estava agendado para vir visitar-nos.

Vendo a ocorrência *a posteriori*, sei que ela ficou feliz por todos estarmos bem e em segurança. Mas é mais que provável que a minha sempre correta e educada mãe tenha ficado tão atrapalhada pelo meu pronto e mordaz remoque – “E eu sou o Coelho da Páscoa!” – como por se ter esquecido daquele compromisso.

A história acabou por tomar proporções lendárias, e continua a ser um dos capítulos favoritos no repertório bem colorido da nossa família.

Nancy Sullivan